

Literatura para a Tecnologia

Luís Moniz Pereira

Professor Catedrático, FCT/UNL
Membro do Painel Ciência e Sociedade

O cérebro do «*Homo Sapiens*» tem 200 mil anos. No Paleolítico começou a desenvolver-se a linguagem, e muito depois surgiu a escrita e a literatura. Que cérebro evoluiu que produz narrativas? Que funcionalidades possui e a que teve de adaptar-se?

Somos uma combinação dúplice. O cérebro é um produto genético, desde sempre em co-evolução mútua com um outro mecanismo de reprodução e selecção – a evolução memética – de cachos de ideias ou “memes”. Este é um sistema mais rápido e flexível que nos trouxe ao ponto de prever mudanças ao nosso futuro.

Para isso criamos cenários hipotéticos, antevemos os possíveis e escolhemos alguns: é a base do livre arbítrio. A literatura, oral ou escrita, enquanto mecanismo produtor de cenários, tem um óbvio papel evolucionário. E é preciso possuir uma expressão pessoal estruturada ou ninguém irá copiar os nossos memes. Há ainda a considerar a função de entretenimento. A literatura tem uma utilidade pedagógica na simulação de jogos e teatros sociais, no fingir de personagens, etc. Pode dizer-se que preenche um vácuo cognitivo, pois o cérebro é tal que não pode ficar parado. O entretenimento preenche esse vácuo.

Também a inteligência humana evoluiu. A uma primeira fase, genérica, seguiram-se capacidades específicas, chegando-se sobre elas à cúpula da inteligência geral do «*Homo Sapiens*», que combina funcionalidades diversas como o conhecimento científico e a criação de artefactos estéticos e imaginativos.

Certas funções adaptativas não têm a ver com a reprodução biológica directa, mas com o criar de condições para que possa ocorrer. Relacionam-se com as estratégias de jogos sociais, o convívio, e são garantia da aptidão para a sobrevivência do grupo como um todo. Incluem a competência de introspecção, de simular o futuro, uma pré adaptação típica do ser humano.

Grande parte da literatura preocupa-se com os tópicos de interesse para os humanos. Os autores não tendem só a produzir aquilo por que o seu cérebro se interessa, mas também o que outros querem ler e conhecer como cenários possíveis. Um treino da vida mental de par com uma iniciação social.

A literatura não será mera exibição sexual pavoneante. Tem um papel evolutivo pois permite construir e simular cenários, treinar a expressão emocional, compilar comportamentos. Faz a reprodução memética, estuda a co-presença de estratégias de jogos, constrói a consciência colectiva. Ajuda a escolher futuros possíveis, e parte sempre de um conceito de natureza humana. Grandes escritores são um bom exemplo. Têm um conceito de ecologia cultural, suas personagens movem-se num certo mundo, e as obras fomentam o explicar de suas diferenças.

E aqui apresento a Informática como média artístico. Começámos a experimentar novas estruturas literárias em resultado das redes, da interacção, da ubiquidade e da mobilidade. Há já aí projectos artísticos que trazem outras oportunidades e problemáticas à construção do texto e das histórias.

Posso referir a síntese de comportamentos emergentes de agentes artificiais. Há filmes com personagens artificiais – ou avatares – sintetizadas graficamente. O passo seguinte é compor regras para descrever seus comportamentos.

A computação multi-média ainda está numa situação idêntica à dos antigos desenhos animados – o artista desenhava todos os fotogramas intermédios do percurso das personagens. Porém, havendo regras, é possível gerar e compilar intenções e afectos em comportamentos gráficos, especificar e coligir a actuação dos agentes a participar numa trama – até os históricos.

Aqui entra o escritor com o seu conhecimento, e a Inteligência Artificial a transpor para o computador tais regras. Será necessária a experimentação, validada, a que se adiciona a necessidade de descrever propriedades literárias. Há que garantir que a narrativa cumpra certas etapas, tenha um fim.

Muitas aplicações serão súbditas de Hollywood, mas são também possíveis outras para, p.ex., reproduzir o que fizeram as personagens históricas num dado local – e (re)criar histórias para a conservação da herança cultural. A Tecnologia precisa da Literatura.